



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

PRESIDENTE: JOÃO ANANIAS

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 26 de Agosto de 2026

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Boa noite a todas e a todos. Com a presença dos Vereadores Dheison Silva, substituindo o Vereador Alessandro Guedes, e Celso Giannazi, na qualidade de Presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, declaro abertos os trabalhos da 17ª Audiência Pública desta Comissão do ano de 2026, convocada para hoje, 26 de agosto de 2026.

Esta audiência pública tem como objetivo debater o Projeto de Lei 622, de 2025, de autoria do Vereador Dheison Silva, do PT, que dispõe sobre a criação da Lei de Fomento ao Rock no município de São Paulo, conforme Requerimento 28, de 2026, de autoria do Vereador João Ananias, aprovado em 20 de maio de 2026.

Informo que esta reunião está sendo realizada de forma semipresencial, com uso do aplicativo Microsoft Teams, e é transmitida ao vivo pela página Auditórios Online no *site* da Câmara Municipal de São Paulo e também pelos seus canais do YouTube e Facebook.

O convite para esta audiência vem sendo publicado no *Diário Oficial da Cidade* desde o dia 10 de agosto e as inscrições para pronunciamento foram previamente abertas no *site* da Câmara Municipal da cidade de São Paulo, no dia 7 de agosto, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/audiencia-publica-virtual.

Foram convidados para esta audiência pública o Sr. José Antônio Silva Parente, o Totó Parente, Secretário Municipal de Cultura e Economia Criativa, todos os Vereadores desta Casa e também a sociedade civil em geral.

Estão abertas as inscrições, mas antes eu vou chamar as pessoas para compor o nosso espaço do debate. Convido os Srs.: Clemente Nascimento, representante da Associação Brasileira da Música Independente, a ABMI; Daniel Gerber, da Associação Cultural do Rock de São Paulo, a ACR; Kaká Schwartzmann; Kike Damasceno, do Coletivo Paulista e Horta; Caio Flávio, Vice-Presidente da Ordem dos Músicos do Estado de São Paulo; Fani Moraes, jornalista, produtora e ativista cultural; e Daniel Neves. Venham fazer parte da Mesa, conosco.

Quero também agradecer às nossas intérpretes de Libras, as Sras. Lidiane Damasceno Marques e Maria Aparecida Silveira Silva. Solicito uma salva de palmas para elas.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 2 DE 44

fls. 3

(Palmas)

Primeiramente, vou abrir as falas à Mesa. Ao final das falas, também encerraremos as inscrições. Para quem desejar falar, é só se inscrever lá e vamos abrir o espaço para o diálogo. Inicialmente, será o nosso Vereador Dheison Silva, o autor da lei.

O SR. DHEISON SILVA – Boa noite, galera.

- Manifestação do público.

O SR. DHEISON SILVA – Eu vim para a tribuna porque hoje é dia de fazermos barulho, de chamarmos a atenção da cidade de São Paulo para uma pauta tão importante, que é a Lei de Fomento ao Rock.

Eu estou Vereador; não nasci Vereador. Eu estou Vereador, já fui assessor desta Casa e acompanhei vários debates de criação de leis de fomento – a Lei de Fomento ao Circo, a Lei de Fomento ao Forró, a Lei de Fomento ao Reggae, várias leis de fomento. A maioria das leis que existem na cidade de São Paulo foram propostas pelo hoje Deputado Federal Alfredinho.

Uma lei de fomento ao *rock* foi um compromisso que fizemos com a galera do *rock*, porque é uma das poucas culturas que não tem uma lei de fomento específica na cidade de São Paulo.

Assim, após ganhar a eleição, foi a primeira coisa que fizemos. Conversamos sobre a mobilização, sobre como é a tramitação na Casa. Conversamos muito com o pessoal da ABMIN e com todas as entidades que estão presentes. O tempo todo foi um projeto construído a várias mãos, inclusive redigido por várias pessoas que estão nesta Mesa. Não foi uma coisa que saiu da minha cabeça.

Construímos colaborativamente este projeto de lei, baseado em várias leis que já existem na cidade de São Paulo. Conversamos com vários Vereadores desta Casa para apoiarem este projeto de lei, que tem como coautor o Vereador George Hato, da Base do Governo, do partido do Prefeito, que não pôde estar presente aqui.

Estou dizendo um pouco o histórico para dizer que este é um projeto do qual tenho a honra de ser autor, mas que saiu da vontade de cada um que está aqui, da necessidade de

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 3 DE 44

fls. 4

essa linguagem cultural ser representada na maior cidade do país, a cidade mais rica da federação brasileira. Estamos falando de uma cidade que vai executar este ano, provavelmente, 139 bilhões de reais, e que não destina nem 1% sequer para a cultura. Uma cidade que tem 137 bilhões de reais aprovados – vão ser 139 bilhões de reais até 31 de dezembro – não destina sequer 1% para a cultura. Eu trago essa denúncia para dizer qual é a responsabilidade que essa gestão tem para com a cultura.

Quando apresentamos o projeto – há várias coisas, mas não quero falar de forma técnica –, estranhei muito o veto da Prefeitura. É de praxe tentar que o projeto avance mais do que os anteriores, então foi isso que fizemos. Falamos que o orçamento a ser definido a partir da aprovação dessa lei teria que ser maior a cada ano subsequente.

Por quê? Porque é uma ideia para não ter... Havia a Subcomissão de Cultura e discutíamos que cada ano, a depender da cabeça do Prefeito, ele colocava o orçamento que queria. Então, em um ano, para a lei de fomento ao forró, são 2 milhões de reais; no outro ano, 500 mil reais. Para a Lei de Fomento ao Circo, são 600 mil reais; depois pode ser zero, podem ser 10 mil reais.

Então, a ideia desse artigo da Lei de Fomento ao Rock era que a cada ano o orçamento destinado fosse maior, porque a demanda aumenta. A cada ano, as bandas, os produtores, ao conhecerem a lei de fomento, vão se inscrever mais, vamos ter que ter mais atividades na cidade de São Paulo. Contudo, esse foi um dos argumentos da Prefeitura para vetar a lei.

Outro artigo foi a criação de um coordenador da lei de fomento. O nosso projeto de lei previa que a Prefeitura teria a responsabilidade de contratar uma pessoa para organizar isso. Nós estamos falando de uma cidade de 12 milhões de habitantes; existem quantas bandas de *rock*, quantos produtores, quantas pessoas que fazem camisetas do *rock*? Há a galeria, a economia criativa que movimenta o *rock*. Então, era preciso haver uma pessoa responsável por isso.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 4 DE 44

fls. 5

Contudo, o mérito que a Prefeitura trouxe para esse veto foi que já existe lei de fomento à música, então, não precisaria.

São todos argumentos que caem por terra.

Eu digo a vocês: a Lei de Fomento ao Reggae é muito parecida com a Lei de Fomento ao Rock. O então Prefeito Bruno Covas vetou os artigos, mas não vetou a Lei. Estranhamente, por que isso acontece justamente na Lei de Fomento ao Rock? S. Ex.^a podia ter vetado os artigos e ter mantido a Lei, que – como eu disse - não é minha, é nossa, e que - quando foi aprovada em dois turnos pela Câmara Municipal, pela maioria dos nobres Vereadores, passou a ser uma Lei da cidade, mostrando que a maior parte da Casa, independente do espectro ideológico, concordou que a cidade de São Paulo tinha que ter uma Lei de Fomento ao Rock.

Pegamos alguns dados - não quero me alongar muito, porque quero ouvir vocês. Vimos que na cidade de São Paulo, no Orçamento de 2025-2026, criaram uma rubrica de fomento e difusão do *rock* com 2,4 milhões, empenhados 4,5 milhões e liquidados 4,3 milhões. E para 2026, foram orçados 6,5 milhões, aproximadamente, já empenhado 1,8 milhão e liquidado 1,6 milhão. Então a Prefeitura vai dizer o seguinte: “Não, mas a gente está investindo no *rock*, está aqui...Você mesmo falou, lá, Vereador, que está investindo”, e é verdade, os dados mostram isso.

Agora, qual é o medo de se estar investindo no *rock*, tendo uma Lei? Porque a Lei obriga. A Lei tem que ser permanente e contínua, não é da cabeça do gestor, nem quando S. Ex.^a quer que o *rock* seja fomentado na cidade de São Paulo. O *rock* tem que ser fomentado todo dia, toda hora, todo ano. É isso que a Lei determina, e a Prefeitura está com medo de ter uma lei. É disso que se trata esta audiência pública. S. Ex.^a contrariou a maioria dos nobres Vereadores desta Casa, simplesmente por não querer.

Temos fomento às linguagens artísticas, ao circo, ao samba, à capoeira, à música gospel, ao teatro. Para a música gospel, por exemplo, tivemos mais de 20 milhões de reais na cidade de São Paulo. É importante termos todas as linguagens aqui. Não estamos para dizer qual é melhor ou pior. Queremos todas as linguagens, inclusive *rock* no orçamento como lei na

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 5 DE 44

fls. 6

cidade de São Paulo. Não dá para o Sr. Prefeito, da cabeça dele, vetar uma lei dessa. Isso fala muito sobre a atual gestão, porque o *rock* vai questionar o sistema. O *rock*, por sua essência, exalta a rebeldia e, para político conservador, de Direita, isso não serve. Está explicado o motivo.

Digo a vocês que o que encaminharmos aqui, podem ter certeza que encaminharei com vocês, assim como os nobres Vereadores Celso Giannazi e João Ananias. Temos representantes de outros nobres Vereadores, aqui, que serão citados ao longo da nossa audiência pública.

Agradeço muito ao nobre Vereador João Ananias, Presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, que topou fazer esta audiência pública, já que é na Comissão de Finanças e Orçamento que definimos as prioridades.

Precisamos, urgentemente, ter a Lei de Fomento ao Rock, pelo menos 3% do orçamento para a cultura. A cidade mais rica do país não pode se furtar a investir na cultura do seu povo e conto com cada um de vocês para fazermos muito barulho, muito *heavy metal* na orelha do Sr. Prefeito, muito barulho mesmo, porque a Lei de Fomento ao Rock precisa ser aprovada, precisa ser sancionada pelo Sr. Prefeito. *Rock* é cultura, não é veto. Viva *rock and roll*!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Esse “menino” é bom, aprendo com ele todo dia, sabia?

Gente, novamente, quem deseja falar, aqui do lado esquerdo do palco, e para vocês do lado direito. Estamos recebendo inscrições. Quem desejar falar, usando o púlpito, o espaço, faça a inscrição. Abro a fala, agora, para o nobre Vereador Celso Giannazi, nosso companheiro do PSOL.

O SR. CELSO GIANNAZI – Boa noite a todas e a todos. Cumprimento todos os componentes da Mesa. Aproveito e parableno nosso Presidente Vereador João Ananias por esse trabalho muito importante que tem feito à frente da Comissão de Finanças e Orçamento. Saúdo também o autor do projeto Vereador Dheison. São dois Vereadores combativos, em defesa da cultura.

Faço parte da Comissão de Educação, Cultura e Esportes da Câmara Municipal e é

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 6 DE 44

fls. 7

uma felicidade ter uma subcomissão discutindo, Vereador Dheison e Vereador João Ananias, o orçamento da área da cultura, que é fundamental para a cidade de São Paulo. Estamos na cidade mais rica da América Latina e volta e meia vemos o Sr. Prefeito falando e querendo concorrer com o ex-Prefeito do Rio de Janeiro quanto aos mega shows lá de Copacabana, o nosso Prefeito querendo fazê-los em São Paulo, na Avenida Paulista.

Então quero dizer que temos quase 3 vezes o orçamento do Rio de Janeiro, vejam bem, quase 3 vezes o orçamento do Rio, não temos nem um terço do que eles aplicam lá em cultura no Rio de Janeiro. Sendo assim, nosso Prefeito para querer se comparar ao ex-Prefeito do Rio de Janeiro, ele precisa colocar esses 3% que tanto lutamos para a cultura na cidade de São Paulo. Essa é uma pauta, essa é uma prioridade.

E o Vereador Dheison foi feliz e quero parabenizá-lo pela iniciativa dessa reunião dos coletivos, dos ativistas em defesa do *rock* em São Paulo. Esse PL é muito importante, é meritório, porque o que acontece? O Vereador Dheison expôs e é verdade: não podemos ficar submetidos ao prefeito de plantão, se o prefeito gosta de *rock*, se o prefeito não gosta de *rock*, ou seja, ele vai cortar ou vai fazer mais investimentos, então, não queremos uma política de governo, queremos uma política de estado.

E é por isso que o Vereador Dheison apresentou o projeto de lei porque independe de prefeito de plantão, esses 4 anos tem um Prefeito que se não gosta do *rock*, o próximo governo pode ser um que goste. O que não podemos é ficar submetido a isso. Temos de ter uma política de estado, uma política pública e é a lei que faz isso.

Portanto, essa lei é muito importante, apesar de já ter uma rubrica no orçamento, o Vereador Dheison citou, de fomento e difusão do *rock*, mas o PL é fundamental para, repito, não nos submetamos ao prefeito de plantão.

Darei um exemplo: estamos há quase 8 anos fazendo indicações, por meio de emendas, indicamos no orçamento emendas para uma passeata muito importante que ocorre na cidade, tradicional aliás, que é a 37ª Passeata do Raul Seixas.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. CELSO GIANAZZI – É mundial. Dependendo do secretário, há cortes das nossas emendas parlamentares e o evento não acontece na cidade de São Paulo. Este ano, felizmente, temos na Casa Civil um secretário que foi – e é - Vereador na Casa, o Sr. Paulo Frange. Ele foi muito sensível a essa pauta e conseguimos fazer acontecer, foi agora, na última sexta-feira. Foi com muito sacrifício, mas agradecemos ao Vereador e Secretário da Casa Civil Paulo Frange porque nos concedeu essa possibilidade de realizar a Passeata do Raul Seixas, por mais uma edição, que é a 37ª edição. Por isso é que não dá para ficar submetido ao governo de plantão.

Vereador Dheison e Presidente Vereador João Ananias, V.Exa. que está à frente da Comissão de Finanças o Orçamento – aliás, um trabalho muito importante – tenho certeza de que, na discussão do orçamento, o Vereador João Ananias está lutando para que tenhamos sucesso e alcancemos esses 3%, não sei se paulatinamente, mas que consigamos chegar a esses 3%, porque é uma cidade com quase 140 bilhões de reais, sendo inadmissível que não tenhamos recursos para a cultura, para o *rock*, enfim, para as diversas vertentes, como propõe o projeto de lei do Vereador Dheison.

Estou presente nesta audiência, mas não vou poder ficar, Vereador João Ananias e Vereador Dheison, pois tenho outra atividade, mas não poderia deixar de passar para me manifestar e prestar solidariedade para que consigamos derrubar esse veto, mas também aprimorar esse projeto e reapresentá-lo porque quem lê as razões do veto percebe que não têm fundamento nenhum.

Reforço que é um projeto meritório. Há a ideia também de se fazer um grande movimento de todos os Vereadores, e se V.Exa. permitir, de todos os Vereadores serem coautores desse projeto que é fundamental para o município, é para a defesa do *rock* na cidade de São Paulo. Então, parabéns pela iniciativa. Parabéns, Vereador Dheison, pela iniciativa de apresentar um projeto que é fundamental para a cidade de São Paulo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, nobre Vereador Celso Giannazi. Vamos abrir a palavra agora para o Sr. Clemente Tadeu Nascimento, se quiser falar. Você pode

falar da Mesa ou lá no púlpito. Fique à vontade.

O SR. CLEMENTE TADEU NASCIMENTO – Primeiramente, queria cumprimentar a Mesa: o nobre Vereador João Ananias; o nobre Celso Giannazi; o nobre Dheison Silva; as meninas, a Kaká Schwartzmann e a Fani Moraes. É muito legal ver a presença feminina nesta luta. E, claro, cumprimentar todos os presentes na mesa e vocês do público, porque é a primeira vez que vejo o pessoal envolvido com o *rock* preocupado com o fazer político, o fazer político de maneira cidadã.

Vim como Presidente da Associação Brasileira de Músicos Independentes, ABMIN. Não sei fazer política parlamentar ou partidária, mas faço a política do dia a dia, que é batalharmos pelos nossos direitos. Representando os músicos independentes, estou Presidente da ABMIN, queremos entender o que devemos fazer para derrubar esse veto ou para apresentar novamente o projeto de lei e convencer os Vereadores.

Uma lei de fomento, além de destinar recursos, estabelece o controle da verba pública. Isso é fundamental, porque sabemos que há muitos projetos e muita gente se aproveitando da verba pública destinada à cultura, não só no *rock*, mas em vários estilos, de modo que ela vem sendo mal utilizada. Nós, como músicos e artistas, queremos um controle maior; queremos saber para onde vai essa verba, queremos poder acessá-la e utilizá-la de uma maneira mais responsável.

Nós não queremos tirar recursos de outros estilos; na verdade, queremos equidade. Acho que é o que o *rock* merece: ter um fomento, assim como têm o *reggae* e o forró. É a primeira vez que vejo esta Casa cheia com o segmento do *rock* batalhando por políticas públicas. Quero agradecer a vocês pela iniciativa, ao Vereador Dheison Silva, principalmente, pela elaboração da lei.

Nós queremos um controle maior, respeito a esse estilo que construiu a história da cidade e equidade com os demais movimentos, tendo verba destinada anualmente, sem depender do bom humor do Prefeito de plantão, garantindo que esse recurso estará assegurado ao *rock*. A importância maior de ter uma lei de fomento é nós termos o controle e sabermos o

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 9 DE 44

nosso valor. A verba não é nossa, é do povo da cidade, e esse controle é essencial para que o dinheiro público seja bem utilizado. Estamos exercendo o nosso direito de dizer que queremos a nossa parte e queremos acompanhar como ela será aplicada.

E ao Sr. Prefeito, peço que, por favor, não seja preconceituoso com determinado estilo por não ser do seu gosto pessoal, pois a gestão deve ser voltada para os cidadãos da cidade de São Paulo, para os jovens que estão aqui presentes. Desculpem a minha fala mais direta, mas é isso: estamos juntos.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, Sr. Clemente Tadeu Nascimento. Agora vamos passar a palavra para o Sr. Daniel Gerber.

O SR. DANIEL GERBER – Boa noite. Primeiramente, cumprimento toda a Mesa. Não citarei um a um para não tornar a reunião cansativa, já que todos estão apresentados. E, principalmente, boa noite a todos os presentes. Vou dar prosseguimento a partir daqui: acho que o Vereador Dheison Silva explicou muito bem e já deu uma série de dados todos.

Clemente, é isso mesmo, a verba é pública, é do público e pronto. Por isso, se chama pública, é para o *rock*, não é ao bel-prazer de ninguém. Tem que ser tudo para todos.

Mas seguindo em frente, então. Entendo que são três objetivos para nós estarmos aqui hoje. O primeiro a gente já conseguiu, que é a casa cheia. A gente mostrou que está interessado. Estão todos aqui. (Palmas)

É uma coisa de que não tenho ciência de quando aconteceu, de o *rock* se mobilizar. E já tem um ano e meio desde que o Vereador Dheison escreveu e começou o Projeto de Lei, que foi revisado. Chamou o pessoal. Não ficou para ele, ficou para o *rock*. Chamou e passou para todo o mundo.

Isso já começou, já nasceu certo. Já nasceu democrático para todo o mundo. Isso não é de uma pessoa, de uma entidade, de nada. Então, esse fato de a gente ter essa movimentação com a casa cheia já é o primeiro objetivo atingido.

O segundo: acho que a gente tem que ir ao ponto do veto. Por que foi vetado? Talvez a gente não saiba, mas a gente sabe que eram três artigos, três pontos que nos diziam respeito.

Então, acho que o segundo ponto é: o objetivo dessa reunião é discutir esses pontos. E o terceiro é como vamos agir daqui para frente.

Quais os próximos encontros? Têm de ser com todos unidos. Para isso serve uma agência pública. Não é para algumas pessoas decidirem, mas para todos entenderem e escutarem, enquanto analisamos, decidimos juntos e tomamos a mesma atitude como coletivo do gênero do *rock*, porque quem está aqui está representando muitas outras pessoas. Por exemplo, tem alguém de uma banda a representar a banda, bem como os fãs e aqueles que trabalham.

O artista é uma pontinha do *iceberg*. Você tem quem produz, quem divulga, quem filma, quem faz conteúdo, quem carrega caixa de som. Há os engenheiros, os técnicos, os estúdios que gravam – onde a gente ensaia –, tem os instrumentos musicais. Há até um representante também, porque eles também lutam para diminuir o imposto, uma série de coisas.

A gente tem a organização de músicos, a OMB, que está aqui presente, bem como a ABMI.

Nós, da ACR, somos a mais antiga situação de *rock*, ou seja, a gente é dedicada a representar o gênero musical *rock*.

Mas você vê que é um cruzamento de várias entidades, porque é um interesse público. Então, vamos decidir aqui entre todos qual vai ser a próxima? Como a gente leva? São três pontos. O primeiro ponto que foi dito é para manter o orçamento. Eu acho que essa consulta, até para os Vereadores da Casa saberem como funciona normalmente, nesse sentido, no Executivo, assim como outros fomentos, porque se é praxe não manter o orçamento... O que significa manter o orçamento? Significa dizer para o Executivo como ele deve gerir o orçamento do Executivo.

Então, como se trata de uma lei, a lei não interfere no Executivo. Esse é o meu entendimento. Não sei. Eu peço depois aos Vereadores.... Não somos parlamentares, mas a gente faz a lição de casa. Então, veja bem, se for o caso, eu não vejo problema nenhum, neste momento, em acompanhar os outros fomentos.

Não sei se alguém quer falar agora ou depois sobre esse ponto. A gente quer essa resposta. Eu, pessoalmente, não vejo problema. Acho que a gente deve acompanhar os outros, ou seja, se a gente colocar e fizer a questão de um ponto que nenhum outro fomento tem, então vamos continuar com o veto do fomento.

Se esse foi um dos pontos, acho que a gente pode abrir mão disso, não tem problema, e todo ano acontece, com a nossa companheira dos movimentos, a Inti Queiroz, que sabe muito bem, já que é uma das pessoas que mais entendem e batalham por cultura – e não apenas em São Paulo.

É uma luta todos os anos, não apenas de quanta verba vai ter todos os anos para o ano seguinte, para o fomento, mas também quanto a receber, inclusive está tendo problema de receber dinheiro de fomento, que é algo que está na lei, mas isso já é outra questão. Estamos discutindo, mas nem temos o fomento. Estamos no camelódromo querendo estar de modo oficial, então é preciso oficializar essa nossa próxima batalha.

Acho que é esse o nosso objetivo, devemos focar nisso, na bola, no jogo, então vamos ver como faremos para conseguir isso. Veja bem o problema do fomento: o fomento não cria verbas, ele administra verbas e é a transparência.

É saber que haverá verba para curso, para todo tipo de coisas, e não só para fazer *show*. Também tem que fazer *show*. Mas não é só *show* popular, que traz muita gente. É ter verba para as casas de cultura, nos centros culturais, para as bandas que estão começando. O *rock* é um gênero pai, tem muitos subgêneros: *blues*, *rock'n'roll*, tem gótico, tem *punk*, tem *thrash*, tem *heavy metal*, e vai por aí afora, que tem bastantes. Então, precisamos que todos esses subgêneros, essas tendências dentro do *rock*, tenham também sua chance, seu espaço cultural. Espaço que seja espaço público, primeiro. Casas de cultura, praças e tudo.

Bom, em termos de lei de fomento, para ser prático: se é praxe de outros, se é uma interferência, realmente, no Executivo, não vejo problema em abrir mão, porque teremos que, de qualquer maneira, nos movimentar, como estamos fazendo agora, todos os anos, para conseguir a verba. Então, tudo bem. Não é um problema.

O segundo ponto é o do coordenador do fomento. Qual é o ponto? Por que foi feito isso na revisão da lei do fomento? Porque quem entende de *rock* é quem faz *rock*. Não é em detrimento a quem faz isso na Secretaria de Cultura, obviamente. Mas eles fazem para todos os gêneros artísticos, musical, circo, teatro, tudo isso. Então, esse mundo que existe dentro — não só do *rock*, mas de todos — para saber quantos... Mas quem é a turma do *rockabilly*? Mas quem é o pessoal desse gênero? Então, se conseguirmos, na verdade, não seria nem um coordenador, porque a ideia é um coordenador formar uma coordenação. Seria o correto. Podemos montar independente, por conta própria, e é uma proposta nossa. Vamos montar uma coordenação nossa, do *rock*. Independente de lei, de Prefeitura, de Secretaria. Porque entendemos do nosso cercado. A gente que sabe.

Então, nas próximas semanas podemos coordenar essa discussão e ir elegendo, nos diferentes gêneros, alguns representantes que se comunicam com as bandas e com quem divulga, quem produz, etc. Essa questão do coordenador pode ser feita — acho que é importante —, mas se fica sendo uma ingerência no Executivo, novamente, porque estamos determinando que queremos que a Secretaria funcione dessa maneira, e não é prerrogativa de uma lei em gerir dessa maneira, aceitamos isso, porque é uma questão até legal. Estou olhando aqui para os Vereadores, que darão orientação a todas as nossas assessorias nesse ponto. O importante também é estarmos prontos. Haverá uma coordenadoria? Porque pode haver uma coordenadoria — chamar a Secretaria, de bom grado —, e fazemos parte, sem problema. Então, vamos eleger isso. Se não der para colocar na lei, não coloque. Se for possível, é melhor.

O terceiro ponto — acho que esse não dá nem para discutir, porque não é uma questão que está na lei da música — desculpe, isso não tem sentido. Existem três festivais, por exemplo. Há fomento ao *gospel*, fomento a vários gêneros musicais. Quando se fala de música, há um mundo de correntes, inclusive os outros podem participar. E esse ano foram só três festivais para uma cidade de 12,5 milhões de habitantes. Onde já se viu? Então, justamente, isso muda a quantidade de fomento à música ou, então, aprova-se a lei do fomento. Essas são as três — é a nossa proposta.

Agora, o terceiro ponto colocado, já para passar a palavra: como saímos daqui? Acredito que podemos sair daqui já com o sucesso de ter mobilização. Já não aconteceu no passado — acho que podemos reapresentar. Não sei a questão do veto, em um ano de eleição, se se transforma em uma questão política, e concordo com meu colega: não queremos politizar isso, queremos fazer o *rock*, estamos de olho no fomento, na cultura. Então, talvez reescrever, uma proposta é reescrever a lei, considerar os pontos, enviar — como houve a sugestão — ao Líder de Governo aqui na Câmara, e dizer: “houve audiência pública, houve discussão, foram levados em consideração os pontos do Prefeito, chegou-se a essa conclusão. Está aqui. Então, era isso que estava errado? Está aqui.” E agora, com o apoio mais popular, que é o que nós estamos fazendo e registrando essa proposta. É uma batalha só, mas a guerra está aí, o ano que vem vamos conseguir isso.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Inclusive, eu queria dizer, Dheison, que a gente começa o debate das audiências públicas para discutir o orçamento do ano que vem agora, no mês de outubro. Então, inclusive, seria importante que todos que tem interesse realmente possam participar das nossas audiências públicas.

Vamos ter audiências públicas na Câmara Municipal e em alguns espaços da zona Leste e da zona Sul. E que o movimento possa participar dessas audiências públicas colocando a sua proposta. Quando se discute no orçamento, quando se é ouvido, parece que a gente começa a batalha aí. Então, seria importante esse debate nas audiências públicas, que vão acontecer a partir de outubro.

A próxima a falar será a Kaká Schwartzmann. Dificil de falar, consegui falar?

O SR. DHEISON SILVA – Kaká, eu sei como é isso. Eu me chamo “Jason” com DH, toda hora as pessoas erram o meu nome.

A SRA. KAKÁ SCHWARTZMANN - Eu sofro desde pequena, conheço, é normal. Boa noite a todos, à Mesa e todos os presentes. Sou a Kaká Schwartzmann, apresentadora e jornalista, viajo o Brasil inteiro. Sou a única mulher da história a entrevistar mil bandas de *rock*

sozinha por um país todo. Acabei de chegar, inclusive, perto do Chuí.

Ontem, passei a madrugada toda viajando para estar presente aqui e falar da importância do *rock*. Viajando o Brasil inteiro, fiz uma matéria em uma comunidade indígena, percorri por três dias o Rio Amazonas para achar novas bandas de *rock*. E vi a importância de que São Paulo é referência. O nosso *rock*, inclusive, grandes bandas que temos no nosso cenário nacional nasceram aqui. A história do *punk rock* nasceu aqui. O quanto São Paulo é referência no Brasil inteiro, a importância do nosso *rock*.

E com o surgimento das associações, a ACR e ABMIN, agora nós estamos amparados, porque tem quem lute por nós. Eu criei a Campanha Roqueiro Sangue Bom, que também vai ser uma parceria com a ABMIN e com a ACR. E doação de cabelo, onde a gente mostra o nosso lado social do *rock*.

Nós temos, em São Paulo também, a maior Feira da América Latina, que conecta mais música e mercado, porque a porcentagem que frequenta a feira, a maioria é do *rock*. Não é, Daniel, se eu não estou enganada? Daniel Neves, Presidente da Feira. Uma salva de Palmas. (Palmas) O Daniel Neves conseguiu fazer com que o evento tivesse esse reconhecimento como a maior Feira de Música da América Latina.

Então, a importância do nosso *rock*, novos nomes. Depois da pandemia surgiram mais de 275, mais ou menos isso, de bandas novas só na capital de São Paulo. Então, nós temos um movimento muito forte. O Bruno Veloso que o diga, que está sempre acompanhando, um grande produtor também.

Então, temos que lutar pelos nossos direitos. Não queremos palco grande, queremos o respeito. O respeito pela nossa causa, o respeito pelo nosso movimento, o respeito pela nossa história. E é isso aí, gente. Muito obrigada.

Eu só queria, tem tanta banda aqui que eu já entrevistei, galera. E vou entrevistar Tubawinners essa semana, Fantasma de Plutão, o Dito Branco. Tem tanta gente e eu estou sem óculos. Tem bastante banda conhecida, o Johann também, Segue o Padrinho, tem uma galera. Todo mundo aqui, a Mônica também. Obrigada por vocês terem comparecido. Nós temos

que mostrar essa força do nosso *rock*, desse nosso movimento.

E das associações que estão aí para fazer acontecer. A ACR, quem ainda não segue, já segue. Fiquem ligados, ACR e ABMIN. Nós temos duas grandes associações em São Paulo.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Agora, novamente, mais uma mulher a falar, Fani Moraes, jornalista, produtora e ativista cultural.

A SRA. FANI MORAES – Boa noite. Primeiramente, quero agradecer a cada um de vocês que está aqui, por ter se organizado para fazer esse movimento lindo; e quero agradecer a Mesa, é claro, os três Vereadores, até mesmo o Vereador Celso que teve que sair no começo.

Estou aqui representando A Graxa e eu concordo com o que cada um da Mesa disse. E, sim, tem verba, a gente sabe que tem. E é essencial que essa verba seja melhor distribuída. Um exemplo recente dessa falta de tato, que o *rock* é tão representativo na cidade de São Paulo, foi a Virada Cultural. A gente acompanhou, eu fui a algumas atrações, e quanto que foi representatividade? Foi 10% de tudo o que aconteceu, 5%? Eu fui a dois palcos: um palco de *rock* no Butantan e no Centro Cultural Tenda e acompanhei também no Anhangabaú.

Eu conheço bandas de música autoral, tanto na cidade de São Paulo, quanto no Estado inteiro e no Brasil; e bandas de *rock*. Então, assim, já que a gente está no maior estado da América Latina que a gente sabe que tem dinheiro, por que não destinar o que é de direito do *rock*? Por que não a gente ter o que a gente merece?

Eu falo isso pela A Graxa também, e as bandas independentes que estão começando agora, que estão suando. Endosso o que todo mundo falou aqui. E viva o *rock*! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado. O próximo orador será o Sr. Kiki Damasceno, do Coletivo Paulista e Horta.

O SR. KIKI DAMASCENO – Meu nome é Kiki Damasceno, eu sou músico, guitarrista da Banda Crazyland e faço parte de várias associações, coletivos e movimentos ligados à cultura independente ao *rock*.

Eu quero começar dizendo que é muito importante para mim ver essa galera toda

mobilizada aqui hoje em prol do *rock and roll*. Se não for a primeira vez, com certeza é uma das raras vezes que isso aconteceu, de todo mundo estar junto, mobilizado por uma causa. Então, isso é muito bonito e é muito legal de ver.

Eu quero agradecer ao nobre Vereador Dheison e ao nobre Vereador Hato por todo apoio durante a aprovação do PL 622/25 e também pelos esforços agora de tentar reverter o veto do Prefeito. E gostaria de aproveitar essa oportunidade para trazer uma preocupação que assombra muitos músicos e artistas trabalhadores da cultura na nossa cidade.

Nós estamos discutindo o fomento do *rock*, estamos falando sobre investimentos, oportunidades, transparência e do reconhecimento do *rock* como lei. Mas existe uma questão anterior a tudo isso: como que a gente vai fomentar o *rock* e a cultura se muitas vezes o próprio artista na nossa cidade está sendo impedido de trabalhar? Desde o ano passado, artistas, músicos de rua, têm enfrentado muita dificuldade para conseguir trabalhar e tocar em vários lugares da cidade.

Não é mais só na Avenida Paulista, não. Começou na Avenida Paulista, que é um dos maiores símbolos da nossa cidade, um espaço que sempre foi ocupado por manifestações culturais, artistas, músicos, ambulantes, trabalhadores e tudo que envolve a economia criativa. Durante muitos anos, produtores e coletivos trouxeram artistas de várias regiões do Brasil, que é isso que a gente faz. Eu conheci muitos artistas através da Cacá, que trouxe artistas da Bahia, de Minas Gerais, do Norte, para trazer cultura de graça para os paulistas. Isso gera mais cultura, isso gera trabalho, isso é economia.

Mas de um tempo para cá essas manifestações vêm sendo cada vez mais restringidas da nossa cidade.

Eu quero deixar uma coisa clara: é claro que houve abusos de algumas pessoas na Paulista; muitos músicos extrapolaram, sim, na questão de barulho. Mas não se pode simplesmente impedir instrumentos eletrificados no nosso querido cartão postal, que a Paulista.

O caminho mais fácil é sempre a proibição, mas o caminho mais difícil e mais inteligente é construir regras que permitam que tudo isso se torne realidade. E quem mora numa

cidade sabe que ela tem barulho, movimento, comércio, feiras, manifestações e atividades culturais. É preciso buscar equilíbrio quando existe um conflito.

O que mais me preocupa é que essas restrições agora estão ultrapassando a Paulista: eu recebi relatos de vários músicos – a Inti – na Liberdade, na Praça da República, em vários lugares, onde a GCM e a Polícia Militar têm impedido esses artistas de tocarem, de praticarem seu trabalho nas ruas da cidade.

O músico independente nem sempre tem acesso aos grandes palcos, aos grandes festivais, nem sempre consegue apoio financeiro, nem sempre consegue ter acesso às leis de fomento. E isso nos traz uma pergunta muito séria: se o músico está sendo impedido de tocar na rua, onde vamos parar? De volta à garagem?

Desde o ano passado, tentamos várias vezes – conversando com a Subprefeitura da Sé, com tentativas de conversa com a Secretaria de Cultura – trazer soluções. Estivemos com esses coletivos – ABMIN, ACR, coletivos de artistas de rua. Temos várias soluções. Queremos trabalhar. Queremos mostrar esses projetos para a Secretaria de Cultura. E quero aproveitar esta oportunidade para pedir ajuda à Casa do Povo, aos representantes do povo, para que nós, os nossos coletivos, consigamos de alguma forma construir pontes com a Secretaria Municipal de Cultura, com o Secretário de Cultura, o Totó.

Temos projeto do Boulevard do Rock; temos o projeto do Beco do Rock; temos a FIM, que é a Feira Independente de Música. Todos nós, trabalhadores da cultura, queremos colaborar, discutir, e temos soluções para apresentar a essas secretarias. O que falta, na minha opinião, é que esses trabalhos não sejam voltados única e exclusivamente para algum coletivo. Nós não queremos ocupar o espaço de ninguém, nós não queremos tirar verba de ninguém, nós queremos apenas ter uma porta de acesso e um canal de diálogo com a Secretaria de Cultura.

Peço, humildemente: por favor, Srs. Vereadores, ajudem-nos a construir essa ponte de diálogo com a Secretaria de Cultura e com o Secretário de Cultura.

Muito obrigado! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – O próximo será Caio Flávio, Vice-Presidente

da Ordem dos Músicos do Estado de São Paulo.

O SR. CAIO FLÁVIO – Muito boa noite.

Eu sou Caio Flávio, músico vocalista de São Paulo e, atualmente, Vice-Presidente da Ordem dos Músicos do Estado de São Paulo.

É muito bonito ver essa união do *rock*, coisa um pouco até inédita, já que outros segmentos – não vou nem falar quais – fazem isso com muito mais naturalidade.

Agora eu quero ouvir uma coisa: *everybody says yeah!*

- Manifestação do público.

O SR. CAIO FLÁVIO – *Everybody says no!*

- Manifestação do público.

O SR. CAIO FLÁVIO – É isso aí o *rock and roll*.

Eu acho que todo mundo já falou um pouco de tudo. E quero destacar novamente essa união de todos. E agradeço ao pessoal da Mesa – aos Vereadores. E é isso aí.

It's now or never!

É agora ou nunca, gente! Vamos para as cabeças! (*Palmas*)

Obrigado. (*Palmas*)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - A fala agora é do Daniel Neves.

O SR. DANIEL NEVES – Obrigado, Vereador. Sempre me chamam de Daniel Alves. É um terror, não é? Eu fico apavorado, cara. Justamente ele, não tinha um outro Daniel, sei lá... poderia ser o sertanejo, mas o Alves, não.

Primeiro, muito obrigado pelo convite, Vereadores e lideranças. Fico muito feliz de ver tantas lideranças aqui, mas aí também; tanta gente que entende do negócio da cultura e da cultura pela cultura. Isso é fundamental.

Falando no *rock*, uma das coisas que mais aflige todos vocês é a segurança jurídica. A gente precisa ter segurança jurídica. Vocês precisam saber se o ano que vem terão ambiente para se apresentar, dinheiro para receber, conta para pagar, porque eu estou vendo todo mundo adulto. Não estou vendo nenhum adolescente, mas estou vendo algumas crianças que têm as

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 20

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 19 DE 44

suas contas pagas por pais e mães do *rock*.

Quando a gente entende que a classe política não presta atenção nisso, ela entende, de alguma forma, que é só uma massa de pessoas de camisa preta que não significa nada. Isso dói porque é o descaso escrachado no meio das nossas caras.

Esse dinheiro não vai para conta de vocês para que fiquem milionários. Ele vira arroz, feijão, gasolina. Qualquer dinheiro investido na música vai para um para o mercado de consumo e volta, depois, em forma de imposto, para o para a própria Prefeitura.

Nós tivemos - creio que - uma maioria para esse projeto ser aprovado. O que é que significa maioria? Significa o povo. São 55 Vereadores. Se 55 Vereadores, vamos dizer, a maioria deles aprova, significa que o povo pediu isso porque eles representam o povo.

A gente está enxergando um grande descaso para com o povo, não é só para vocês.

Acham que não chegou a hora de ter – não somente o *rock* -, de fato, outras categorias, para que a música seja mais unida, para que ela entenda que não é só uma manifestação de estado de espírito, de educação, daquilo que a gente come, respira etecetera, mas, também, que ela é vida, é investimento, é dinheiro.

Não digo isso em detrimento da questão cultural. Eu falo isso porque, muitas vezes, uma Prefeitura, um governo, só enxerga o dinheiro nessa história, e a gente precisa saber falar como é que isso retorna para eles. Esse foi um dos pontos que o próprio Prefeito alegou: “como é que isso retorna? Qual é o plano?”.

Mas, também, por outro lado, me dá uma certa preguiça de ver que não há a boa vontade da própria Prefeitura, em muitos aspectos, de olhar e falar: “espera lá, mas eu tenho as Comissões, eu vou pedir para que verifiquem, eu vou ajudar o Vereador”, porque não é um projeto de Esquerda, é um projeto geral. Nós temos o MDB, o PT, e temos pessoas de todas as esferas, cores e matizes políticas.

Então que história é essa de, muitas vezes, um Prefeito reprovar pensando em algo partidário? Será que é isso? Será que ele não respeita os votos de todos?

Bom, alguns pontos para pensarmos: nós temos o seguinte. Primeira coisa: Bogotá

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 20 DE 44

reconheceu o *rock* em 2004 com uma Lei Distrital. Acho que já começa por aí. Nós temos exemplos.

Se não querem transformar isso em dinheiro diretamente para o fomento, que transformem essa verba em locais e uma estrutura que promova a cultura do *rock*, os artistas, e faça com que, sim, haja um retorno financeiro *a posteriori*, mas deem a estrutura para que o gênero não se apague ou não se modifique, porque, daqui a pouco, todos vocês cantarão outros estilos. Eu não vou falar aqui porque senão vocês vão me bater depois. E assim sem detrimento, é apenas uma brincadeira pela própria força do *rock*. E sim, o *rock* é contestação, por isso tem muita gente que não quer. Essa é a essência do *rock*.

Quem falou isso acho que foi o Daniel, o Clemente, não, foi o próprio Vereador Dheison: o *rock* é contestação. E assim apagar o *rock* é apagar essa própria contestação, porque tem muito gênero que fica só babando ovo e agora a gente tem que assumir a nossa voz, vocês têm que assumir a voz de vocês. Isso aqui é um grande coletivo. Parabéns a todas as lideranças que tomaram a frente e se isso está sendo possível é por vocês.

E, mais uma vez, Vereadores, nós temos exemplos, todos os exemplos para que esse projeto possa vingar. A gente tem exemplo em vários lugares desse planeta. É uma questão de querer fazer e não desistam, não desmobilizem, pelo contrário, tragam mais pessoas. (Palmas)

- Apresentação musical. (Palmas)

O SR. CLEMENTE TADEU NASCIMENTO – Eu tenho que falar agora.

- Manifestações simultâneas.

A SRA. KAKÁ SCHWARTZMANN – Clemente, a culpa é minha e do Kiki, aliás, tem mais gente aí culpada. Não sou somente eu não.

O SR. CLEMENTE TADEU NASCIMENTO – Rapaz. Gente, sabe o que é importante? Eu preciso complementar isso aqui. É que toda essa discussão, quando penso numa lei de fomento, pelo menos eu, não estou pensando em megashows no Anhangabaú e tal. Eu estou pensando nas bandas novas, em espaços, casas de cultura, onde tenha cachê, onde você

possa fazer a sua arte valer, entendeu? (Palmas)

De 1992 até quase agora, foram quase 30 anos dando aula de produção musical pela periferia de São Paulo. Eu fiz isso muitas vezes e tal. E é isso. Eu quero ver essa coisa se reproduzir e se multiplicar. Por isso que a lei é importante. É para vocês. Não é para a minha banda, que já está estabelecida. Está bom? É isso. (Palmas)

O SR. KIKI DAMASCENO – Vai Clemente!

A SRA. KAKÁ SCHWARTZMANN – Eu só queria dizer, por exemplo, na Virada Cultural, acho que seria muito interessante ter um palco específico somente para as novas bandas, somente para banda independente, mas não um palquinho, um palcão, entendeu? Um palco grande. São mais de quase 2 mil bandas, falando de bandas independentes do estado de São Paulo; de 2 a 4 mil, pegando o estado todo. Se for contar com banda cover, pela pesquisa que eu fiz, chega a quase 8 mil.

Então assim, seria muito interessante um palco das novas bandas autorais, a galera que faz parte da história de São Paulo e seria muito legal mesmo, porque a feira conecta mais música e mercado, está abrindo esse espaço também. Daniel Neves tem ideias brilhantes, então esse seria só mais um desejo meu.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, Kaká. Deixa-me só dar uma informação. Gente, encerram as inscrições.

Quero somente dizer uma coisa que eu ouvi agora, que é o seguinte: acho que em São Paulo se inicia tudo. Como a Kaká disse, e o Dheison fez essa proposta aqui, quando ela se inicia em São Paulo, pode transcender todo o país. Seria muito importante. Inclusive falamos que em qualquer espaço que tem esses *shows*, a economia local revigora, fica viva e os comércios locais também acabam se beneficiando dessas bandas que vão para os espaços locais.

Então é muito importante que tenhamos isso. E a cidade é democrática, então que todo mundo possa ter direito. Eu acho que é dividir o pão, isso quer dizer dividir o pão, é mais ou menos isso. E quando falamos de dividir o pão, é verificar como podemos atender a todas as

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 22 DE 44

culturas desta cidade e vetar o *rock* é vetar a cultura. Não se veta a cultura numa cidade igual São Paulo, com a diversidade, do tamanho que é, de uma diversidade gigantesca.

E claro, é a importância do *rock* na cidade de São Paulo. Quando ela surgiu, o *rock* realmente foi o que dominou esta cidade nos tempos lá, quando realmente começou a cultura na cidade. Então é importante colocarmos isso.

E quero agradecer a todos vocês que estiveram presentes. Sem vocês, a audiência pública se tornava... (Palmas) Parabéns. Não há audiência pública sem os interessados e com eles fica muito melhor.

Antes de tudo, eu queria agradecer a nossa equipe, àqueles que estão dando a estrutura para a gente, o pessoal da Comissão de Finanças, que é muito capacitado. Vamos dar uma salva de palmas para eles! A todos os GCMs, todo o pessoal que nos dá a estrutura. Gente, é assim, podem contar conosco. (Palmas)

Eu acho que o Vereador quando está muito empenhado em ajudar, quando a gente conversou na reunião no gabinete, a gente queria propor esta audiência pública. Porque é o seguinte, o “não” nós já temos; o que vamos tentar agora é o “sim”; e esse “sim” depende de vocês. Se a gente conseguir estar presente em todas as audiências públicas para que vocês possam falar do fomento à cultura do *rock*, vamos colocar isso na pauta da cidade.

Às vezes, em audiência pública, aqui não tem quem fale sobre o *rock* da cidade. Há outros movimentos, como a gente conhece, muitos vêm aqui e falam. Hoje mesmo havia uma pessoa na nossa reunião de manhã. É importante que vocês participem, porque o “não” nós já temos; agora, vamos tentar o “sim”. Está bom, gente?

Obrigado. (Palmas)

O SR. DANIEL GERBER – E apoiem quem apoia vocês, apoiem todas essas lideranças, gente. Não se esqueçam disso, não ignorem. Apoiem quem está apoiando o movimento sempre!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Agora a gente vai abrir às falas, são dois minutos. Até porque, se queremos democracia, todo mundo tem que falar. Há muita gente

inscrita. Vamos contar o tempo de dois minutos e pedir a colaboração de todos.

O SR. DANIEL GERBER – Presidente, com licença. Eu só queria apontar aqui uma pessoa muito importante para nós do *rock*, ela está aqui, sentada ali humildemente, de boné rosa, o Thiago DJ. (Palmas) Ele tem o programa que mais recebe bandas autorais todas as noites, de segunda a segunda. Se eu fosse fazer propaganda, diria que é à meia-noite. (Risos) Mas não é propaganda: é de segunda a segunda, vai fazer 10 anos. Imaginem a quantidade de bandas e o registro que nós temos! Então, sim, temos de ter registros. Temos espaço em uma rádio, é pouco espaço, mas temos que ter também espaço nas casas de cultura, na rua... Tem que ter suporte, porque o músico tem que estudar, comprar instrumento, alugar estúdio. A gente tem família e tem que comer. Isso é para todo mundo. As grandes estrelas já estão bem, não precisa tirar nada de ninguém, mas têm que dar o nosso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Obrigado, Daniel.

A primeira inscrita é a Monica Cristina Zerbinato. (Palmas)

A SRA. MONICA CRISTINA ZERBINATO - Boa noite, tenho dois minutinhos e vou tentar dar o recado. Primeiro, quero agradecer - como o Clemente da ABMIN já agradeceu - quero reforçar. Sou da diretoria da ABMIN. Quero agradecer pra caramba cada pessoa que poderia estar em casa, depois de um dia exaustivo de trabalho, mas está aqui ouvindo e lutando junto com a gente.

Quero fazer um pedido a cada um de vocês: a partir de agora, que sejamos um agente combativo. Já temos bastante argumento, para não nos comportarmos como uns coitados que estão pedindo... Nada disso! Primeiro, o *rock* tem muita força. A Prefeitura, o Executivo e todo mundo sai ganhando com o investimento na nossa área. Nós queremos - como o Clemente já falou — equidade. Há um dado muito importante, não sei se vocês sabem, mas os eventos - megaeventos, mini eventos underground, etcétera - movimentam por ano cerca de 3 bilhões de reais para os cofres da cidade. Gente, pelo amor de Deus, tenham essa consciência.

Outra coisa, há estudos científicos apontando que o *rock* melhora a saúde cognitiva, combate o estresse, etcétera. A gente podia ficar daqui até amanhã listando todos os benefícios

do *rock*.

O PL do *rock*, aliás, quero parabenizar o Vereador Dheison por essa grande conquista, porque só o fato de descrever, editar e apresentar já é uma conquista, assim como ao Daniel, ao Clemente, a todos os que participaram dessa construção da qual estamos fazendo parte. Nós somos democráticos e temos o direito de cobrar o que é nosso.

O *rock* vai fomentar o PIB da cidade e a saúde. A gente vai economizar até no SUS. E quantas crianças e quantos adolescentes a gente pode tirar da rua? Podemos dar melhores condições de vida levando o *rock* para as periferias, para as favelas, para as aldeias, como a gente está fazendo. Então é isso, o recado é o seguinte: sejamos nós agentes do *rock* para conscientizar mais e mais pessoas para se juntarem a nós nessa luta.

Beleza? Obrigada. É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Obrigado.

Quero anunciar as pessoas inscritas *on-line*: Aparecido, Patricia Vieira Maluly, Kaylaine Ramos Oblesrczuk da Silva e Viviane Leandro Prado.

Não tem nenhum *on-line*, então o próximo é o Kaneda.

O SR. KANEDA - E aí, família? Boa noite.

Estamos na presença de muita gente legal, várias bandas de todos os cantos da cidade, e muita coisa que a gente ouve no contra-argumento, de quem não gosta, de quem não quer, é que o *rock* é elitizado, que sei lá, que está todo mundo ficando velho e tal. Então a gente tem muitas gerações e muita gente representando várias quebradas de São Paulo. A primeira coisa que a gente tem que quebrar é isso.

E quando esses caras, parlamentares, empresários, tal, que não gostam do *rock*, ou muita gente que se diz contra o *rock* vai passear, vai para onde? Vai para a Europa. Aí chega lá, vai num *show* de *rock* na rua. Como o Kiki disse, vai dar um dinheirinho, a moedinha para o músico lá. Quando é na nossa cidade, o cara não gosta, certo?

Então a lei de fomento ao *rock*, para ficar muito claro e evidente, todos os coletivos que estão aqui se representando, a gente precisa dessa lei de fomento ao *rock* para, primeiro,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 26

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 25 DE 44

um edital que seja democrático, tá ligado? E que seja discutido entre todas as partes para a gente ter verba, que ela seja transparente, aplicada de forma transparente na cidade. E esse edital, a lei de fomento ao *rock*, se trata disso, de trazer a verba como uma política pública que seja discutida e se torne uma política pública democrática, plural, para a gente beneficiar todos os coletivos da cidade, tá ligado?

E que isso não seja uma coisa assim para cinco, meia dúzia, com um valor alto. Como o Clemente bem disse, que sejam valores que beneficiem quem está começando, quem está produzindo, quem tem dificuldade para produzir. E muita gente está também contrargumentando: “Pô, o *rock* estar pedindo dinheiro para Prefeito? Isso não condiz com a essência do *rock*”. Não se trata disso, mano, se trata de ser condizente com... Como os caras falaram, como a mana falou, de ter um orçamento a ser investido na cultura, para ter a cultura perpetuando, para isso seguir acontecendo, tá ligado? Então, quando a gente fala de política pública, é falar do futuro mesmo - tá ligado? -, para que a coisa continue acontecendo.

Por que tem esse fomento para tantos outros segmentos e não tem para o *rock*? Então é por isso que a gente está aqui. A gente tem que discutir a Lei de Fomento ao Rock para que isso se torne política pública, e para que não aconteça como o que falaram bem hoje, a rubrica está lá e foi destinada a algumas associações da cidade de forma... à escolha, ao bel prazer do Prefeito em exercício. Então o cara tem a rubrica lá, ele destinou. Isso está acontecendo, está sendo investigado pelo Ministério Público, porque tem um cara da Secretaria da Fazenda que faz parte de uma banda que recebeu meio milhão de reais para fazer *show* na cidade. E as bandas da quebrada que estão aqui, ó... (Palmas)

Salva de palmas para vocês que estão aqui, família. Nós temos que ocupar e dizer as paradas, certo? E nesse momento em que o Prefeito Ricardo Nunes vetou a Lei de Fomento ao Rock, ao mesmo tempo a gente está discutindo na cidade uma denúncia de que tem bandas que praticamente inexistiam até ontem e estão sendo investigadas pelo desvio de milhões de reais. A SPTuris tem denúncias de desvio de milhões de reais com relação à estrutura para esses *shows*. E a gente está aqui representando a vontade do povo – certo? - de ter transparência por

meio de uma lei de fomento que institua um edital, e que seja benéfico, de forma plural, e que seja transparente para todo mundo da cidade.

Estamos juntos, família. Parabéns. Estamos juntão. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Eu vou chamar três em três, as pessoas se preparem para falar. O próximo agora será Eduardo Magrão, da Vereadora Renata Falzoni; depois dele será o Abel Fernandes, Somos Todos do Rock, em seguida, Bruno Veloso, da Associação Cultural do Rock.

O SR. EDUARDO MAGRÃO - Boa noite a todas e todos. Eu venho trazer um abraço carinhoso da Vereadora Renata Falzoni, apoiando a derrubada integral desse veto. Pode contar com a gente, Vereador.

Primeiro quero cumprimentar a Mesa. Parabéns pela propositura do projeto, Vereador Dheison, Vereador João Ananias.

O PL 622/25 não é um benefício isolado, mas a estruturação de uma cadeia produtiva que gera empregos, movimenta a economia local, fortalece o *rock* independente, principalmente nas periferias da cidade de São Paulo.

Falar que editais genéricos já atendem o serviço é ignorar quem está na ponta.

Os Vereadores da Casa já aprovaram esse projeto uma vez. Vamos lutar para que mantenham essa coerência e honrem, derrubando esse veto do Prefeito.

Então, essa é a mensagem que eu trouxe da nossa Vereadora Renata Falzoni. Pode contar com o nosso mandato, Vereador, nessa luta com vocês.

Obrigado a todos e vida longa ao *rock and roll*!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, Eduardo.

O próximo orador é o Sr. Abel Fernandes. E o Sr. Bruno Veloso, da Associação Cultural do Rock, já pode ficar de prontidão para não perdermos tempo.

O SR. ABEL FERNANDES – Boa noite a todos.

Quero agradecer a presença de cada um de vocês e cumprimentar a Mesa e as autoridades presentes.

Meu nome é Abel Fernandes e sou o 2º Vice-presidente da ACR, Associação Cultural do Rock. Estou aqui só para passar um recado para o nosso digníssimo Prefeito Ricardo Nunes.

Prefeito, olhe por nós, porque, nessa condição que estamos, não conseguimos trabalhar. O *rock* não é para a ABMI, não é para a ACR, é para todos nós.

E viva o *rock*!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – O Sr. Bruno Veloso é o próximo. Após, Inti Queiroz e Rafael Ortiz.

O SR. BRUNO VELOSO – É isso aí. Boa noite, galera. Queria cumprimentar todos vocês e todas as pessoas que estão formando a Mesa.

Acho que todos os que falaram já abrangeram tudo. Então, eu queria dar mais um depoimento pessoal.

Assim, passa um filme na minha cabeça vindo aqui, procurando algo para fazer pelo *rock* e pensando no que poderíamos fazer, onde poderia ter gente se juntando.

Em 2019, eu descobri que os movimentos culturais se reuniam na Subcomissão do Orçamento para o Plano de Cultura. E, quando eu cheguei, fui muito bem recebido. Já tinha a Inti, que vai falar aqui, mas ela era muito técnica. A Inti é *punk* raiz. Ela estava lá dando *show* de técnica, de como funciona a Secretaria, de como poderia haver um Plano de Cultura melhor e é uma referência para todos nós do movimento. E eu fui muito bem recebido. A galera falava: “Nossa, a galera do *rock* está chegando, a galera do *rock* está aparecendo aqui, está vindo”.

Eu participei de muitas dessas reuniões sozinho, em algumas, algumas das pessoas que estão aqui foram comigo, algumas conseguiram voltar, em algum momento alguém conseguiu ir e eu não. E tudo é uma construção, né? Estou falando de 2019.

A ACR, lá para 2020, também juntou ali um primeiro grupo interessado. Eu já fazia parte de algumas organizações do terceiro setor há alguns anos. Então, nós juntamos a primeira galera ali, cinco, seis, “vamos montar”, “vamos fazer”. E, cara, ver essa galera aqui hoje... Eu fico emocionado de verdade, porque ali era um trabalho da andorinha, apagando o fogo da floresta

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 28 DE 44

sozinho. Daqui a pouco eram dois, daqui a pouco eram três... Olha como estamos hoje. Demorou, mas tem bastante gente entendendo o que é e o que precisamos.

Todas as reivindicações que foram feitas aqui são válidas. Somos um grupo grande que pode multiplicar, e eu acho que é isso que temos que fazer agora: temos que multiplicar, temos que juntar gente porque o *rock* é cultura.

É isso aí!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – O Sr. Bruno Veloso é o próximo. Não, Bruno Veloso não. Desculpa. Inti Queiroz.

A SRA. INTI QUEIROZ – Que casa cheia, Dheison. Hoje está sucesso.

Boa noite, pessoal.

Vocês perceberam que várias falas falaram sobre essa Casa estar cheia, sobre vocês estarem aqui, o quanto isso é importante.

Acho que o Bruno me deu uma deixa para falarmos que, não só ficamos feliz de estar todo mundo aqui, mas eu quero trazer uma fala no sentido de que - se queremos fazer esse fomento ao *rock* andar, se manter, crescer e, de fato, ser transparente, - vamos ter que estar aqui sempre, todo ano, o ano todo.

Por que estou falando isso? Porque, apesar de eu ser do *rock*, do *punk*, do alternativo, estou aqui há, pelo menos, mais de dez anos, frequento muito esta sala, porque, infelizmente, temos um Prefeito que é inimigo da cultura.

Ao contrário de muitos de nós que falaram “Vamos ser amigos dele...”, ele não é nosso amigo. S. Exa. tem uma base que é, basicamente e extremamente, conservadora, evangélica. Da Política Nacional Aldir Blanc, eles desviaram 15 milhões de reais para duas entidades de cultura gospel, e denunciemos muito isso na Subcomissão, e, até agora, não se sabe o que aconteceu, porque não executaram os projetos. E os outros fomentos todos, teatro, circo, forró, capoeira etc., foram todos ou cortados ou golpeados, como no caso do teatro que eles desclassificaram praticamente 11 dos 14 selecionados, porque eram da militância, porque,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 30

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 29 DE 44

para eles, quem faz cultura, quem faz arte, é militante só. Somos mesmo, porque queremos mudar o mundo. A verdade é essa, Sr. Prefeito Ricardo Nunes.

E já quero deixar dois convites para vocês, e reiterar o que o Daniel falou. Vamos começar a fazer uma luta de orçamento. Eles não querem dar o que há no Orçamento. Mas não queremos manter, Daniel, queremos mais, queremos 10, 15 milhões para o fomento ao *rock*, para muita banda ter acesso. Esse é um ponto. Então, vão começar as lutas de Orçamento e lotaremos isso aqui, porque aqui é a sala da luta de orçamento, onde começa tudo para o Orçamento 2027.

Segundo ponto: Precisamos fazer a luta para garantir a cadeira do *rock* no Conselho Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, que vai começar a ser construída, finalmente, depois de 10 anos de luta. Agora. Fizemos isso pelo MCCSP, não é, Bruno? Garantir uma cadeira para o *rock*, junto com uma cadeira para a capoeira, uma cadeira para o *reggae*, uma cadeira para todas as subculturas que construíram a cultura da cidade de São Paulo. Conto com vocês. Chamem-me nas redes sociais que construímos juntos essa luta.

Sr. Ricardo Nunes, não passarão! Fomento ao *rock* já!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Próximo orador é Rafael Ortiz, depois Bino e Paulo Emílio.

O SR. RAFAEL ORTIZ - Boa noite a todo mundo, à Mesa, a todos que estão presentes.

Meu nome é Rafael, sou militante da cultura, pertenci à primeira gestão do Programa Cultura Viva, lá em 2005. Sou cantor, produtor, professor e - hoje - estou à frente do Estúdio Difusor, o qual deixo à disposição de todos vocês que estão nessa luta como um espaço de encontro, seguro para conversar, para tratar dessa lei, para todo mundo que puder e quiser.

Queria contar uma história para vocês, rapidinho: A concepção da ideia dessa lei nasceu, ao que me consta - claro que todo mundo pensa junto -, na mesa da minha cozinha, na minha casa. Vou dizer o porquê. Nasceu da necessidade, como tem que ser uma boa ideia.

Eu e aquele camarada ali, que falará logo depois de mim, é o Bino André Costa. Estávamos escrevendo um projeto para um edital da FUNART, que contemplava várias linguagens, teatro, centenas de linguagens, dentre elas a música e não havia uma coisa específica para o *rock*, evidentemente. Pensamos em escrever um projeto, chamado, na época, Underground Vive que visava uma experiência tal qual a cultura *hip-hop* muito exitosa ao fazer, para quem gosta de *rap*, quem conhece um pouquinho, a experiência do *Poesia Acústica*, do *Favela Vive*, do *Rap Box*, onde os chamados *feats*, ou seja, a parceria entre artistas independentes, fariam uma produção, coexistindo, e todo mundo ganhando junto, subindo junto, se vendo junto, e aquela coisa. Eles furaram uma grande bolha de grandes produtoras, através desse trabalho, e - hoje - são monstros.

Pensamos em criar esse projeto, criar uma experiência parecida e tudo o mais, porque é um trabalho que não tem a ver só com o estúdio que vai gravar, os artistas que vão tocar, cantar as composições, mas os produtores audiovisuais, os figurinistas, os artistas, todo mundo que produz um *bóton*, um *patch*, uma blusa, uma camiseta, todos os trabalhadores, centenas de vertentes de trabalhadores do segmento do *underground*, do *rock*, tudo o mais.

Fizemos esse projeto...

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Conclusão.

O SR. RAFAEL ORTIZ - Vou concluir. O projeto precisa de uma justificativa e isso acabou virando quase que um manifesto e aí ficou grande demais, claramente o projeto não passou, e tivemos a ideia, por meio do nosso querido Vereador Dheison, de levar para ele e falar: "... por que não propomos algo nesse sentido?" Então por meio do mandato essa articulação agora está com todos vocês e, para mim, sou meio novinho, tenho 35 anos, mas toda a minha luta, toda a minha história está contemplada dentro deste momento, deste dia. Tudo que fiz me trouxe até aqui e só tenho a agradecer ao mandato, ao Dheison e a todos vocês que estão presentes. Acho que o momento é este, é o momento de construção. E Ricardo Nunes não passará, de forma nenhuma. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Obrigado, Rafael. O próximo será o Bino, do

Estúdio Difusor e logo em seguida, Paulo Emílio, representando a Bancada Feminista, da Vereadora Silvia da Bancada Feminista.

O SR. BINO ANDRÉ COSTA (DIEGO) - Boa noite, galera, eu sou Diego, conhecido como Bino também, parceiro de projetos do Rafael. É um prazer enorme falar à frente de todos vocês. É um prazer ver todo mundo unido em prol do *rock and roll*, não é em prol do *metal*, é uma vertente que está alargada há muito tempo. Todo mundo fica reclamando: “Ah, o *rock* morreu, o *rock* morreu”. Morreu nada, está vivo, está dentro de todos aqui.

É muito legal ver um monte de gente que conheço, que já vi em alguns lugares, gente que não conheço pessoalmente, mas que veio e está dando essa força incrível e foi muito bom ter participado disso com o Dheison desde o início, é muito esclarecedor estar hoje nessa audiência.

Essa lei tem de ir para a frente, não adianta. Temos de conseguir ver a derrubada desse veto, temos de impedir que isso aconteça, pois essa lei tem de viver.

A força de todo o mundo é inigualável. É muito bom ver todo mundo unido nessa reunião. Tem tantos que conheço, o Alessandro, da banda Kill for Nothing, galera f***, muito boa banda, o padrinho do lado dele ali, influência do Hora da Cena, muita gente se movimentando para isso e tem de continuar se movimentando, depende de todos nós, temos de ir para cima. Ricardo Nunes não passará de jeito nenhum, *rock and roll* vive. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) - Próximo, Paulo Emílio, representando a Bancada Feminista, Vereadora Silvia da Bancada Feminista.

O SR. PAULO EMÍLIO - Boa noite. Meu nome é Paulo Emílio, sou assessor da Bancada e Liderança do PSOL, assessora a Vereadora Silvia na comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa da Casa. A Vereadora Silvia pede desculpas pela ausência, pois teve uma outra agenda, não conseguiu vir, mas já informa que a Bancada Feminista do PSOL também apoia a derrubada do veto.

Quero aproveitar para parabenizar a iniciativa do Vereador Dheison, também do Clemente e dos demais membros da Mesa, iniciativa de todos, na verdade. Acho que foi muito

importante o destaque de como a nossa luta é coletiva.

Eu não... Acho que as falas anteriores me contemplam bastante, então vou tentar destacar nesse pouco tempo que: primeiro, acho que temos de procurar questionar se as razões desse veto passam tão somente por uma questão de conservadorismo, reacionarismo dessa gestão do Executivo que temos atualmente, que é uma gestão - como dito pela Inti: "não gosta da cultura" – vejam, compus a Comissão de Cultura também e acompanhei uma série de situações e reuniões em que projetos deixaram de ser aprovados, projetos para a cidade, para todos, mas acho que o outro ponto que temos de questionar é se houvesse de fato um preconceito em relação ao *rock* não teríamos em contrapartida um grupo de músicos, não é? E o problema acho que tem também de ficar muito claro não é um músico receber cachê, um cachê alto, ou a equipe do músico receber, são todos profissionais, são todos trabalhadores.

Underground nunca foi e não deve ser sinônimo de amadorismo. A questão é que não temos, justamente, uma lei de fomento que traga apoio e base para esses músicos, e não só músicos, mas todos os profissionais que atuam no *underground*.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Para a conclusão.

O SR. PAULO EMÍLIO - Então acho que é importante refletirmos se é de fato um veto fruto de preconceito, já vou concluir, ou se há aí um interesse por parte dessa gestão em prestigiar determinados grupos que atuam na cena de *rock* e são conhecidos. Acho que é importante nos unirmos enquanto *underground*.

E também é importante para as pessoas que compõem o *underground* entenderem que, independente da política partidária é fundamental que participemos da política institucional e das audiências públicas. A democracia não é só a democracia representativa, ela também é democracia participativa. Obrigado, uma boa noite e parabéns pela iniciativa. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, Sr. Paulo Emílio. A próxima é a Sra. Gláucia Ribeiro e, logo em seguida, o Sr. Rodrigo Bersogli, do Comando Nuclear; e, após, o Sr. Ronaldo Manzo, da banda Terceira Metade.

A SRA. GLÁUCIA RIBEIRO – Boa noite a todos; boa noite à Mesa. Eu sou a Gláucia,

cidadã como todos vocês que estão aqui esta noite. Estou na cena *Rockabilly*, e sempre foi muito dura para nós podermos conquistar qualquer lugar e qualquer espaço desde o começo do *rock and roll* em São Paulo, nos anos 1950. Tive o prazer de entrevistar o Antônio Aguilar, que foi o primeiro radialista a tocar *rock and roll* no Brasil, um radialista paulista, e foi aqui na cidade de São Paulo, viu, Sr. Ricardo Nunes?

Foi aqui o primeiro lugar em que se tocou *rock and roll* no Brasil.

Queria também agradecer a essa iniciativa, que, para mim, marca um dia histórico para o *rock* paulistano, porque nunca vi isso acontecer. Já ocorreram várias situações, mas a este movimento nós temos que dar valor e carregá-lo no coração e nas mãos, para não o deixarmos escapar. Não queremos ser apenas um souvenir de calendário da cidade, do Dia do *Rock*, do Dia do Elvis ou do Dia do *Rockabilly*; não queremos ser um *souvenir*, queremos ser protagonistas da nossa história. É isso. Viva o *rock and roll*!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, Sra. Gláucia. O próximo é o Sr. Rodrigo Bersogli, do Comando Nuclear.

O SR. RODRIGO BERSOGLI – Boa noite. Meu nome é Rodrigo, sou baixista da banda Comando Nuclear e DJ no Coletivo Fúria Noturna, mas não vou repetir o que todos disseram aqui. Claro que agradeço ao Sr. Dheison Silva e a todos os presentes, porém é importante percebermos que esse veto teve muito a ver com a questão orçamentária na discussão técnica.

Dados abertos do Ministério da Cultura mostram que, a cada um real investido na cultura, 7,59 reais retornam para a sociedade. Portanto, a desculpa orçamentária não cabe; não adianta usar esse tipo de argumento raso e vazio para nos cercear de buscar um direito legítimo. Tivemos esta semana um dado divulgado pelo Portal Metrôpoles mostrando que a cantora Ana Castela recebeu este ano 26 milhões de reais por meio de emendas parlamentares para a realização de 26 *shows*.

Ninguém quer milhões. O que nós queremos é um calendário fixo; o que queremos é um local que tenha capacidade de se programar o ano inteiro. Sabem do que precisamos?

Aos moldes do que o Sr. Dheison Silva fez na Casa Nelson Triunfo, em Diadema, em prol do *hip-hop*: um local fixo, um CEU do *rock and roll* aqui, onde eu, músico, você, produtor audiovisual, professor de guitarra, professor de confecção de *patch* e de camiseta, tenhamos um calendário anual para lecionar, onde a população tenha acesso como em um CEU, estrutura que já temos na cidade de São Paulo.

Nós, como fomentadores e artistas, teremos condições não só de repassar a nossa experiência, mas de viver disso. Não é esmola, ninguém está pedindo um real, não estamos pedindo dinheiro; estamos pedindo capacidade de trabalho. Haverá *show* do Iron Maiden em breve: sabem quantos espaços *underground* e pequenos estabelecimentos orbitam ao redor disso?

A cidade de São Paulo receberá milhares de pessoas para assistir ao Iron Maiden, e garanto a vocês que centenas de bares no entorno, na véspera e nos dias seguintes aos *shows*, estarão lotados de pessoas gastando dinheiro na cidade de São Paulo. E quem estará tocando nesses bares não será o Iron Maiden: será você, serei eu. É isso que faz a economia girar.

Só que nós precisamos de previsibilidade, precisamos de um espaço fixo para desenvolver uma atividade cultural anual em que tenhamos a capacidade de não só mostrar o nosso trabalho, mas de receber dignamente por ele. Obrigado, valeu a todos.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado. O próximo é o Sr. Ronaldo Manzo. Após o Ronaldo, o Sr. Johann Peer.

O SR. RONALDO MANZO – Boa noite a todos. Maravilhosa esta mesa, muito obrigado pela oportunidade. Eu sou o Ronaldo Manzo, da banda Terceira Metade e do Insanos Motoclube. Moro na Brasilândia e tenho uma dificuldade enorme para acessar espaços públicos e conseguir apresentar o meu som. Gostaria de direcionar esta fala um pouco mais ao Prefeito, para abrir a mente dele sobre as vertentes do *rock*. O *rock* é o estilo mais democrático que existe; eu toco *indie rock* e já dividi palco com banda *punk*, com *classic rock*, com solo de violão e voz. Então, acho que o que ele não entendeu ainda é que já favoreceu diversas tribos. Mas o *rock* não é uma tribo, o *rock* é uma nação, feita de várias tribos.

Então, acho que, se ele pensar de uma forma democrática, com foco no contribuinte, no cidadão, no eleitor, vai entender que o *rock* vai ramificar esse investimento.

Não é meia dúzia de pessoas que vai se beneficiar. A gente vai beneficiar uma série de pessoas, de subestilos diferentes, e todos os envolvidos em produção e tudo o mais, trazendo com isso, inclusive, a atenção e o investimento externo para a cidade também, sendo pioneiro nisso, pelo menos tomando a frente, como a maior cidade, a mais importante do país, tomando uma atitude dessa, influenciando outras cidades.

Então, acho que é uma questão de abrir a mente do Prefeito para ele entender. Corrijam-me os Parlamentares presentes se eu falar alguma besteira, mas a política pública se dimensiona pela capacidade de alcance, pela quantidade de pessoas que ela vai beneficiar. Acho que ele está ignorando esta informação neste momento: a quantidade de pessoas que cada uma que representa. Não é apenas esta galera.

Cada um tem uma centena atrás de si, então isso vai virar voto, se é essa a preocupação. Isso vai fortalecer a democracia, porque o *rock* une raças, cores, classes sociais. A gente não olha isso na hora de subir no palco e fazer um som, fazer uma *jam*.

Estive em Santos abrindo o *show* de uma escola de samba, porque a esposa do diretor da escola de samba está fazendo aniversário e gosta de *rock*. Então, toquei durante duas horas para abrir e depois entrou a escola de samba. Só o *rock* permite uma experiência dessa em cima do palco, mas eu tive que ir a Santos fazer isso.

Então, acho que, quando isso chegar na periferia, vai ajudar bastante. Não consigo chegar às casas de cultura e tal porque ainda sou pequeno, porque ainda estou começando. Então, quero focar nisso, agradecer a presença de todos e dizer ao Prefeito que, se a preocupação dele é algum pedaço da lei, a gente se compromete a estar aqui todos os anos, rediscutindo a lei, fazendo ajustes nela para o bem de todo o mundo.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado, Ronaldo. O próximo é o Johann Peer e, logo em seguida, o Padrinho.

O SR. JOHANN PEER – Boa noite, meu nome é Peer, sou da Banda Peer e Inumanos de São Paulo. Também faço parte da ABMI e do Panorama Cultural Johann Peer, que é para divulgar a nossa cultura *rock* metal.

Sou um grão de areia perante todos vocês, que são sumidades. Há muitas proeminências, intelectualmente, musicalmente falando, muito mais do que eu. Porém, o meu recado para o Sr. Prefeito Ricardo Nunes é o seguinte: a história condena os omissos, ele continuar vetando o *rock*, o fomento ao *rock*, é contraproducente e a história vai cobrá-lo e também vai vetá-lo. Fora Ricardo Nunes. E bora de *rock and roll*. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – O próximo é o Padrinho e, logo em seguida, o Manoel Aparecido.

O SR. PADRINHO – Quem disse que *rock* e política não se misturam, não é mesmo?

Salve, pessoal, aqui é o Padrinho, criador de conteúdo para a *internet*, fazendo palhaçada. Não assista, faz mal para a cabeça.

Mas, enfim, estou muito contente por um motivo muito específico: há muito tempo – na verdade, não muito tempo atrás –, o roqueiro começou a deixar de ser omissos, porque faz muitos anos que o roqueiro está omissos para caramba. Aqui não pode falar palavrão.

Faz muito tempo que o roqueiro está omissos para c*c*t* e é muito bom ver o que está acontecendo. Realmente achei que aqui estaria muito mais vazio, mas quero que fique muito mais cheio, porque é o seguinte: o *rock* começou na quebrada, nas quebradas do mundo inteiro, nas quebradas dos Estados Unidos, nas quebradas da Inglaterra.

E o problema é que o *rock* foi elitizado no Brasil não foi porque o roqueiro parou de consumir *rock* ou virou coisa de *playboy*. Não. Foi justamente por situações. Ficar esse tal de Ricardo Nunes que fica muito contente com o *rock* no bar do centro, o bar de *playboy* com cerveja a 40 reais – uma *longneck* –, onde só a galera de *playboys* que vai começar a colar.

Esse *rock* não incomoda porque está todo mundo de boa ali. O *rock* que incomoda é o *rock* da quebrada. Por exemplo, o evento que o Júlio Mano, que está presente, fez, o Rock de Quebrada, que já está indo para a terceira ou quarta edição – evento, inclusive, também do

Matsu Rocks. São eventos assim de que a gente precisa para levantar a cena de bandas autorais, bandas originais, emergentes. Esse é o mais importante disso. E, assim, novamente repito, estou muito feliz porque estou vendo uma movimentação que, inclusive, é até por isso que eu comecei a fazer vídeo. Uma movimentação no *rock* de crescimento, de levantar de novo. Coisa que, cá entre nós, eu acho que desde a MTV aberta acabar, eu não via. Isso começou, é recente. E temos que aproveitar essa onda e continuar.

Viva o *rock*, caramba!

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Próximo, Manoel Aparecido.

O SR. MANOEL APARECIDO – Tupacão! Matou a minha vontade, meu. Minha vontade era subir no plenário, porque eu sempre participei de plenário do Coletivo *Rock*, no ABC. E eu estou aqui pelo Fomento *Rock* de São Paulo, estou há mais de 44 anos no palco, 65 anos de idade. Eu estava vindo para cá, saindo do Mario Covas, quatro horas e meia para pegar um remédio. Que bom que eu consegui o remédio. Obrigado, Mario Covas, obrigado. É demorado, mas está valendo. E depois eu tinha que vir para cá.

No meio do caminho, foi: “Vai para casa, cara. Você não tem que provar nada para ninguém. Vai tocar seu *rock* aí, fica na sua, no seu *underground*.” Eu falei assim: “Não, pô, eu vou lá porque eu faço parte disso daqui. Foi minha vida toda.” Minha mãe sempre falou: “Isso aí não leva a nada, *rock*, meu. Isso é passageiro.” Estou com 65 anos, mãe. O *punk*, para mim, foi escolhido como... Eu sempre ouvi o *rock*, mas o *punk* foi o que me deu formação de caráter. E quando eu vim aqui para o plenário, eu pensei: “Pô, eu não vim para participar daqui, eu vim participar aí.” Mas que bom que estou aqui dando essa palavra para vocês.

Essa oportunidade que estou tendo ainda, de mostrar que o cara está lá, estou aqui sim. E vou estar muito mais tempo ainda. Então, se eu quero falar, estou a favor do fomento, vamos derrubar esse veto. Podem contar comigo enquanto eu estiver respirando, eu vou estar com vocês. Vou fazer um pouco do que eu faço por aí. “Com leis e poder, você pode esperar. O que vamos fazer? Nós vamos lutar. Ah, nós que somos sistema!” Obrigado. Para fechar, muito obrigado. Amanhã pode ser tarde demais para nós. Então, venha soltar sua voz e mostrar que

você é alguém.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Próximo, Alessandro Bernard, da CR.

O SR. ALESSANDRO BERNARD – Salve, galera. Alessandro Bernard é diferente.

Gente, para quem não conhece, eu sou o Bob, sou vocalista da Kill For Nothing. E vou deixar um testemunho aqui também. Eu acho que, além de todo mundo que já falou dos problemas e tudo mais, quero deixar uma história bem feliz.

Faz anos que eu acompanho a cena. Faz anos que eu pego a minha *bike* ali, dando aquela volta na Paulista para conhecer banda nova. Banda que está no corre. A maioria de vocês eu conheci exatamente por isso. E teve uma galera muito louca que eu acabei conhecendo, por causa desse *role*, que é essa galera da bancada aí. E é uma coisa engraçada — faz anos que eu conheço esse pessoal e essa essência nunca mudou. E essa essência está aqui hoje. Então, primeiro de tudo, obrigado a vocês por continuarem com essa luta, por nunca mudarem quem vocês são. Vocês são fodas para caramba.

Clemente, Dani, Kaká, a Fani também. A Fani eu peguei no colo, pequenininha. Você também, Kiki. Esse cara aqui está em todos os lugares. Esse cara é o mais onipresente do mundo.

E, mais uma vez, vou deixar um recadinho para todo mundo, cara. Isso aqui é um cuidado dessa galera toda há anos. Então, cuidem do que vocês fazem. Com bastante carinho. Cuide dos seus amigos que estão no corre. Dá aquele incentivo para aquela galera ali que sempre está fazendo alguma coisa por bandas autorais que sabem como é o dia a dia de cada banda dessas. A gente sabe que é muito difícil ficar a semana inteira matutando para conseguir ter um espacinho ali no final de semana para conseguir alguma coisa.

Então, gente, *rock* também faz parte da cultura. Acho que isso é o mais importante. Estamos juntos aí. Quem precisar, é só colar.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – O próximo inscrito é a Bárbara Aparecida.

A SRA. BÁRBARA APARECIDA – Boa noite, pessoal. Já falaram aqui para mim,

Clemente, que estou vestida de poltrona. Enfim, vim disfarçada (risos).

Gente, eu sou consumidora, eu não sou da cena. Mas uma coisa me chamou a atenção: se a gente quer falar de bandas independentes, a gente tem que ter apoio das bandas que estão no mercado bombando. Então, onde estão essas bandas? Cadê esse apoio? A gente tem, como exemplo – e é o único -, a Galeria do Rock, que é um ponto turístico de São Paulo. Cadê os lojistas, cadê os tatuadores? Cadê esse povo, gente? Então, ou precisa melhorar a comunicação para divulgar isso e fortificar esse movimento ou então a gente vai continuar sendo refém de um Prefeito que não gosta nem de cultura, nem de educação, nem de saúde, nem de transporte, não é? Então, eu acho que isso é importante.

A indústria movimenta o vestuário, o segmento de bebidas. Porque a gente tem um segmento aí da música que “não bebe”, entenderam? Então, eu acho que o importante é isto: aonde formos, levamos essa bandeira. Senão, a gente não vai sair do lugar. Isso é mais uma crítica do que qualquer outra coisa.

Já sabemos: Ricardo Nunes não; não é, gente? Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Obrigado. O que a Bárbara disse, eu também falei outro dia na reunião lá. Você se lembra, Clemente? Eu disse o seguinte: a gente quer lotar o salão principal ou o salão menor. Se a gente tivesse que lotar, por exemplo, o salão principal, com 300 e tantas pessoas, seria importante. Eu acho que daria um visual muito melhor, com mais pressão para as pessoas entenderem que o rock na cidade é mais importante. Este salão, eu acho muito bonito, bem aconchegante. Mas vamos tocando. Tem a palavra, pela ordem, o Vereador Dheison.

O SR. DHEISON SILVA – Quero fazer uma proposta de encaminhamento para a gente terminar a audiência.

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Fique à vontade.

O SR. DHEISON SILVA – Vou me dirigir à tribuna. (Pausa) Gente, acho que pelo conjunto das falas, a gente viu aqui que nós temos dois caminhos agora. Teve o veto do Prefeito, e dois caminhos foram citados ao longo de todas as falas. Várias delas mencionaram sobre a

gente lutar pela derrubada do veto. Esse é um dispositivo que há nesta Casa. Seria os Vereadores irem a Plenário e dizerem que não aceitam o veto do Prefeito. Aí, votamos de novo e derrubamos o veto. Essa é uma proposta que saiu em diversas falas hoje.

Teve a proposta do Daniel, e já respondendo o questionamento dele: sim, vários outros fomentos não têm esses dois dispositivos. Em que pese a gente achar que eles são muito importantes – como eu havia explicado na minha fala -, a gente sempre teria um orçamento crescente para cada fomento. Se esse ano foi de 1 milhão, ano que vem teria que ser 1,2 milhão. Se esse ano foi de 1,2 milhão, ano que vem teria que ser 1,4 milhão, e assim por diante. Porque nós precisamos aumentar o recurso na política pública, e não diminuir, e não ficar à mercê disso.

O coordenador de fomento sempre teve tradicionalmente ... Tem algumas leis para cá, Daniel, que não tem mais. A Prefeitura cria esse empecilho, e foram dois os principais motivos do veto do Prefeito. Como eu falei: ele não precisava vetar a lei, poderia ter vetado artigos, assim como fez o Bruno Covas em relação à lei de fomento ao reggae.

Em relação a essa questão, de que já há uma lei de fomento à música, não há o que fazer; a gente tem que contestar, porque não tem jeito.

Então, temos duas propostas de encaminhamento. Como eu falei, esse projeto foi escrito por mim, mas a várias mãos. Foi encaminhado pelo meu gabinete, mas escrito a várias mãos, por todas as entidades, todo mundo que participou.

Então, eu queria submeter esses dois encaminhamentos para decidirmos coletivamente. O primeiro, trabalhar pela derrubada do veto, e eu vou dizer o que isso implica: em a gente mobilizar todos os Vereadores de novo, a maioria da base do Prefeito, lembrando que esse projeto foi votado por vários partidos, entre eles PL, União Brasil, MDB, Podemos, PP, PSOL, PV, PSB, PT e tantos outros partidos que há na Casa, onde a Oposição é minoria. Então, a derrubada do veto é bem complexa. Mas se for essa a proposta encaminhada pelo plenário, nós vamos brigar pela derrubada do veto.

A segunda proposta é a gente reescrever o projeto tirando esses dois artigos que a Prefeitura vetou, e aí brigarmos anualmente, como em todas as outras leis de fomento, para

garantir a rubrica sempre do fomento. Não vai ter esse dispositivo automático.

Então, acho que são as duas propostas de encaminhamento. Queria dizer o seguinte, a proposta um é a gente reescrever a lei. E pelo que vi, a gente já vai ter outros Vereadores, além de mim e do Vereador George Hato, sou autor e ele coautor. Teremos a Silvia da Bancada Feminista, que tem representação aqui, Renata Falzoni, Celso Giannazi, o próprio Presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, João Ananias, e tantos outros Vereadores que a gente pode ter para reapresentar o projeto.

E a proposta dois, é a gente brigar, articular e vamos precisar da mobilização de vocês para dialogar com os Vereadores, para quando entrar na pauta a derrubada do veto, a gente colocar isso.

Então, são as duas propostas. Queria ver aqui, quem é a favor da proposta um, levante a mão para a gente reescrever o projeto e reapresentar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DHEISON SILVA – Desculpa, esqueci seu nome. A Caru Albuquerque está perguntando, não sei se todos ouviram, se uma proposta exclui a outra. Não. Uma proposta não exclui a outra, mas acho que você esbarra numa questão política. A gente está falando de um projeto que foi aprovado pela maioria dos Vereadores. Se a gente optar pelo veto, não necessariamente, a gente consiga fazer. Se a gente for pelo veto, a gente vai brigar com parte dos Vereadores da Casa em ano eleitoral.

Se a gente reapresentar esse projeto, talvez a gente crie animosidade, uma vez que esse projeto foi votado pela maioria das Bancadas. Então, dá para fazer as duas coisas. Podemos colocar como uma terceira proposta, acatando a Caru, que é fazer as duas coisas simultaneamente. Ou primeiro, pelo que entendi da proposta dela, brigar pela derrubada do veto. E não conseguindo, reapresentar o projeto.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DHEISON SILVA – Eu acho muito difícil. É que eu não quero influenciar na votação. Mas eu acho bem complexo. Eu acho bem complexo a gente derrubar.

Pode falar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DHEISON SILVA - Pode ser também. Então, fazer o contrário. Primeiro, reapresenta o projeto com esse recuo para tentar dialogar. E aí não tendo isso, briga pela derrubada do veto já aprovado. Essa é uma outra proposta.

A última pergunta, para a gente encaminhar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DHEISON SILVA – Existe. Não sei se todo mundo ouviu a pergunta dela. Existe sim a chance de a gente avançar depois. Mas, gente, isso aqui é uma Casa política, depende da correlação de forças.

Então, não necessariamente a gente consegue o ano que vem ou no outro ano, sempre depende do que vai ser a composição. Às vezes, tem luta que fica para dois mandatos, três mandatos e tal. Então, sempre depende da correlação de forças.

O correto, inclusive, a gente defendia isso na Subcomissão de Cultura, a gente participou bastante, que era uma revisão geral das leis de fomento, do jeito que é escrita a peça orçamentária. Mas a gente nunca teve correlação de forças para encaminhar isso. Inclusive, o Conselho Municipal de Cultura é uma grande luta, já tem a lei aprovada, mas a implementação, agora que está começando a discutir.

Então, a gente não consegue ter a previsibilidade de tempo, porque como é uma Casa política, depende da correlação de forças.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DHEISON SILVA – Daniel, vamos lá.

O SR. DANIEL GERBER – É o seguinte, só para evoluir. Na verdade, o recuo não é um recuo, foi aprovada uma lei, aí disseram *ok*, mas tem esses dois pontos que não passam, e não queremos por esses dois pontos. Então, na verdade, o que nós não vamos fazer é o seguinte: o homem se mobiliza, faz audiência pública, discutimos o assunto e voltamos para o Executivo; nós falamos *ok*, então vamos avançar, só que sem esses dois pontos.

Se o problema eram esses dois pontos, nós tiramos esses dois pontos e aprovamos o fomento. Então, agora, para não aprovar, teria que ser outra coisa; isso já funciona. E me parece que, para reapresentar, seria no começo da próxima legislatura, não é?

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Não, não, não.

O SR. DHEISON SILVA – O projeto de lei, nós podemos reapresentar segunda-feira, pronto, não tem problema, podemos reapresentar segunda-feira e tramitar ainda nesta legislatura. Então, não é disso que se trata. Então, só para dizer o seguinte, é a minha opinião, uma opinião bem objetiva: eu acho que sim, é um recuo, é um recuo; eu discordo de você, Daniel, acho que é um recuo fazermos isso, porque as leis de fomento têm que avançar, agora acho que é um recuo tático, do ponto de vista de termos uma lei aprovada.

É melhor ter a obrigatoriedade de discutir na peça orçamentária, toda vez, quanto vai ser colocado para a lei de fomento ao *rock* do que não ter a lei e depender de rubrica orçamentária. Então, tudo o que se transforma em lei, em política pública, é sempre melhor.

Sobre a questão de brigarmos. Eu, particularmente, acho que se nós enfrentarmos agora, de cara, pela derrubada do veto é comprar uma briga, inclusive com os pares do Prefeito, os Vereadores. Como eu disse, esta é uma casa política, e Vereadores esses que já disseram que querem dois turnos, porque para a lei ser aprovada ela deve ser votada duas vezes: ela é aprovada uma vez, depois tem que passar por um período e depois votar em segunda votação. Então, ela já foi aprovada duas vezes pela maioria dos Vereadores. Ou seja, já existe a predisposição dos Vereadores de aprovar a Lei de Fomento ao Rock.

Todo mundo aqui entende como é que se consegue, como funciona uma casa legislativa. O Prefeito vai ligar e falar: “Você vai me desautorizar publicamente?” Para os Vereadores que são da base dele. Então, eu acho que o mais prudente seria reescrevermos a lei, reapresentar a lei, porque já existe a possibilidade de diálogo com o Governo e dizer o seguinte: “Nós queremos a lei de fomento. Se esse é o problema, não é mais um problema, a lei já está aqui escrita de acordo com os vetos”. Estamos recuando para poder avançar.

Eu me comprometo e acho que o Presidente João Ananias, da Comissão de

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 45

REUNIÃO: 21928 DATA: 26/08/2026 FL: 44 DE 44

Finanças também, em falar com o Líder do Governo, o Vereador Fabio Riva, para dizer: “é uma sinalização, mas nós queremos ter a garantia da sanção”, tentar fazer essa negociação. Em não aceitando isso, eu acho que é brigar pela derrubada do veto e fazer manifestação. Nós vamos precisar de vocês aqui para fazer barulho, vamos tocar *heavy metal* na hora da sessão. Nós temos que fazer o couro comer.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DHEISON SILVA – Eu acho que não vai ter dificuldade. A gente está falando do ponto de vista burocrático da tramitação. Esta lei não demorou para tramitar, tanto é que quando se pensou essa audiência nós pensávamos que ainda estaríamos discutindo pela aprovação em segundo turno; e, na verdade, já estamos discutindo o veto. Então acho que dá para tramitar rápido.

Temos um consenso, pode podemos encaminhar dessa forma? Reescreve a lei e a apresenta mantendo. Vamos todo mundo votar aqui simbolicamente também? Viva o *rock and roll*. Então, essa vai ser a proposta encaminhada. Segunda-feira, nós já vamos passar pela assinatura de todos os Vereadores aqui.

Viva o *rock*! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (João Ananias) – Nada mais havendo a se tratar, está encerrada a nossa audiência pública. Obrigado.